

O Futuro ao nosso alcance

Homenagem a Roberto Carneiro

Artur Teodoro de Matos, Guilherme d'Oliveira Martins e Peter Hanenberg
coordenadores



O Futuro ao nosso alcance

Homenagem a Roberto Carneiro

FICHA TÉCNICA

- Título** *O Futuro ao nosso alcance*
Homenagem a Roberto Carneiro
- Coordenação** Artur Teodoro de Matos
Guilherme d'Oliveira Martins
Peter Hanenberg
- Editor** Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa
Faculdade de Ciências Humanas
Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima · 1649-023 Lisboa
Tel. 2172141333
e-mail: cepcep@fch.lisboa.ucp.pt
www.cepcep.fch.lisboa.ucp.pt
- Tiragem** 300 exemplares
- Data de publicação** maio de 2017
- Depósito legal** 423535/17
- ISBN** 978-972-9045-40-0
- Concepção gráfica** SERSILITO-Empresa Gráfica, Lda.
Travessa Sá e Melo, 209 · Apt. 1208 · 4471-909 MAIA
Telef. 229436920 · Fax 229436922
sersilito@sersilito.pt | www.sersilito.pt
- Capa** Fernando Mendes
- Desenho** Teresa Carneiro

O Futuro ao nosso alcance

Homenagem a Roberto Carneiro

Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa
Faculdade de Ciências Humanas
Universidade Católica Portuguesa

L I S B O A
2 0 1 7

Cultura, Cognição e Comunicação Intercultural*

PETER HANENBERG**

A cultura como paradigma em três dimensões

Quando, em 2005, o sociólogo francês Alain Touraine declarou a cultura como o novo paradigma para a compreensão do mundo de hoje (Touraine 2005/2007), muitos dos desafios actuais para a cultura ainda não eram visíveis: os protestos contra a apresentação satírica de Mohamed na Dinamarca e depois em França, os debates sobre a burka, a circuncisão e as crianças forçadas ao casamento, a denúncia de culturas do Mediterrâneo como preguiçosas e ineficazes, o debate sobre migração e refugiados, o choque do BREXIT ou a eleição de Trump como 45º presidente dos Estados Unidos da América. Todos esses eventos e desenvolvimentos têm demonstrado como a cultura é uma questão política e social para o século XXI. O retorno da religião como um factor cultural, a nova importância da pertença étnica, a popularização (e muitas vezes vulgarização) de discursos e práticas parecem indicar uma era em que a cultura está no centro do debate.

O conhecimento sobre a cultura é, por conseguinte, uma chave para uma melhor compreensão destes processos. A cultura é um fenómeno multidimensional que não pode ser reduzido a uma fórmula simples. Cultura é uma questão de identidade e de comunidade, tanto quanto diz respeito à religião e à nação, à política e à geografia, à tradição e à riqueza, aos valores, ao meio ambiente, aos produtos ou à tecnologia. Esta nova e difícil dinâmica da cultura pode ser entendida em três dimensões fundamentais: a dimensão social, a dimensão material e a dimensão mental, como sugere uma abordagem semiótica de cultura (Posner 1991, 2004). A cultura é um fenómeno social, pois é mais do que apenas um traço do indivíduo – e, portanto, nações, etnias, comunidades ou religiões oferecem frequentemente o adjectivo primário para descrever uma cultura como, por exemplo, a cultura alemã, ou uma cultura islâmica. Cultura é organizada por grupos e instituições (escolas, governos, museus), que partilham e promovem um estilo de vida comum. Mas a cultura materializa-se, necessariamente, em objectos,

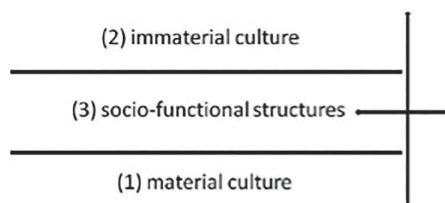
* Uma versão inicial deste texto foi apresentada na Conferência Internacional, FORHUM, Humanities Forum, Liubliana, Eslovénia, Setembro de 2016.

** Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa.

construções, textos e artefactos, permitindo uma utilização contínua por instituições e indivíduos. E, finalmente, a cultura está na mente dos seus membros sob a forma de códigos, valores, padrões e *scripts* que permitem agir dentro da dimensão social de uma cultura e fazer um uso adequado das suas manifestações materiais.

A realidade da cultura em três dimensões é em si uma relação dinâmica. Os indivíduos compõem a dimensão social, da mesma forma que os indivíduos são moldados e influenciados pela dimensão social. Os textos e outros ‘agentes materiais’, como a arquitectura, as artes ou as leis, produzem efeitos mentais e sociais. Per Aage Brandt sugeriu de modo convincente que existe uma certa tensão entre as dimensões mental e material da cultura, por um lado, e a sua dimensão social, por outro lado (Brandt 2011). As “Estruturas sócio-funcionais”, como ele diz, tendem a ser dinâmicas e a estar em movimento permanente para a mudança, enquanto as dimensões mental e material mostram uma certa tendência para a estabilidade, o que significa uma certa resistência à mudança. As Estruturas sócio-funcionais são dinâmicas porque estão em relação com outras culturas por meio de trânsito, viagens e comércio, numa necessidade permanente de se sustentar, desenvolver e crescer. Simultaneamente, as dimensões materiais e imateriais (ou mentais) da cultura opõem-se à mudança, fazendo-o para garantir a persistência de códigos e textos (e artefactos, leis e outras realizações materiais).

Fig. 1. (Brandt 2011)



Per Aage Brandt desenvolveu este modelo de uma cultura material e imaterial, com uma tendência para a estabilidade, contra uma dinâmica das estruturas sócio-funcionais, com a sua tendência para a mudança, como uma tentativa de explicar os conflitos contemporâneos – causados principalmente por movimentos fundamentalistas contra o chamado mundo ocidental e moderno. O modelo de Brandt pode ser produtivamente expandido e aplicado também a um indivíduo que participa e pertence a uma determinada cultura. Ao nível do indivíduo, a dimensão imaterial da mente (e os seus conceitos, crenças ou valores) corresponde ao seu *embodiment* no cérebro, ambos mostrando uma certa tendência para a estabilidade e uma certa resistência à mudança. Os efeitos sócio-funcionais de experiência e percepção podem funcionar a favor de uma confirmação dessas caracte-

rísticas ou contra essa estabilidade, obrigando, neste caso, à mudança e à transformação. Duas observações podem, portanto, servir como premissas importantes quando se trata de compreender esta relação entre cultura, cognição e comunicação intercultural.

A primeira observação é o reconhecimento de que a cultura não apenas molda a mente, mas que essa formação realmente se traduz em estruturas cerebrais e processos cognitivos. Cultura pode realmente moldar e mudar o cérebro. A questão da “incorporação” (*embodiment*) é uma questão actual e urgente das ciências cognitivas, especialmente quando relacionada ao campo da cultura – tendo encontrado expressão em disciplinas emergentes como a *Cultural Neuroscience* (Chiao et al 2011, 2013) ou os Estudos Cognitivos de Cultura (Hananberg 2014).

Bruce Wexler foi um dos primeiros a estudar intensamente a relação entre cérebro e cultura,¹ tendo, já em 2006, chegado à seguinte conclusão:

Criam-se [pela prática cultural; PH] estruturas neurais internas que correspondem aos aspectos da estimulação ambiental que são mais comumente experimentados por um indivíduo em particular. Estas estruturas, em seguida, limitam, formam e focam a percepção dos aspectos do fluxo de informações que são mais parecidos com elas. Isso aumenta a sensação de correspondência entre o mundo externo e o interno, e, progressivamente, limita o poder de estimulação sensorial para mudar as estruturas.²

Esta “correspondência entre o mundo externo e o interno” é, portanto, um forte motivo na busca de estabilização que torna, assim, as mudanças menos desejáveis e menos prováveis.

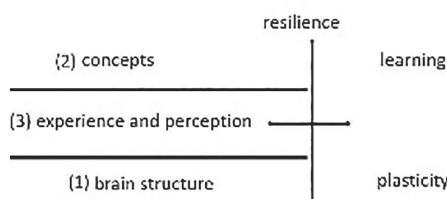
A segunda observação para uma melhor compreensão da relação entre cultura, cognição e comunicação intercultural é que a percepção e a experiência realmente “jogam contra” a tendência para a resiliência e a estabilidade – e, portanto, têm de contar com uma outra característica marcante da mente e do cérebro, isto é, a capacidade de aprendizagem, tornada possível

¹ Para uma visão mais ampla desta relação veja-se o vol. 18 (2014) da revista *Povos e Culturas*, dirigida por Roberto Carneiro, sob o título *O cérebro: O que a ciência nos diz!*”, coordenado por Alexandre Castro Caldas e Peter Hananberg. A revista *Povos e Culturas* e o Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP) têm sido lugares privilegiados do debate interdisciplinar, tendo no seu presidente Roberto Carneiro um dos grandes mentores de uma perspectiva holística da educação, da cultura e da ciência. Fica aqui um agradecimento profundo ao Professor Roberto Carneiro.

² “Internal neural structures are created [by cultural practice; PH] that correspond to those aspects of environmental stimulation that are most commonly experienced by a particular individual. These structures then limit, shape, and focus perception on aspects of the information stream that are most like themselves. This increases the sense of correspondence between the external world and the internal one, and progressively limits the power of sensory stimulation to change the structures.” (Wexler 2006)

por uma plasticidade surpreendente do cérebro. Assim como o cérebro tenta confirmar processos e estruturas provadas e testadas, é também capaz de se adaptar a novos desafios e tarefas. Embora o cérebro funcione com a confiabilidade das rotinas, continua a ser capaz de modulação e de adaptação, participando, assim, numa dinâmica contínua entre mudança e estabilidade.

Fig. 2



Cultura: um conjunto de modelos

Três exemplos podem servir como uma ilustração desta dinâmica em níveis muito diferentes. O primeiro exemplo é o das famosas “imagens ambíguas”, como na figura 3, que pode ser vista tanto como um coelho ou como um pato. O que acontece quando o observador oscila entre a percepção do pato e do coelho é que o mesmo estímulo visual está relacionado com o reconhecimento do conceito de um pato ou com o reconhecimento do conceito de um coelho. Por outras palavras, “o cérebro” acrescenta ao estímulo visual um conceito pré-existente, que só então transmite um significado ao objecto percebido. É por isso que se pode *re*-conhecer tanto um pato como um coelho, mas nunca ambos ao mesmo tempo. O significado do objecto não depende apenas do que é (e na verdade, nada é mais do que um conjunto de linhas); torna-se necessário adicionar ao estímulo visual um conceito para permitir à percepção o reconhecimento em si.

Fig. 3



Antes de reflectir um pouco mais sobre o valor cognitivo e cultural dos conceitos, a seguinte história ilustra um outro aspecto da dinâmica entre mudança e estabilidade.

Linda tem trinta e um anos de idade, é solteira, franca, e brilhante. Tem uma licenciatura em Filosofia. Como estudante estava profundamente preocupada com questões de discriminação e justiça social e participou em manifestações antinucleares.

Qual das duas alternativas a seguir é mais provável?

Linda é bancária.

Linda é bancária e activa no movimento feminista.³

Como Gerd Gigerenzer tem demonstrado, a maioria das pessoas iria escolher a segunda resposta por ser “mais provável”. Ao ler uma história como a de Linda, costumam-se aplicar dois pressupostos: primeiro, presume-se que quando se conta uma história antes de fazer uma pergunta, a história deve ajudar e fazer sentido na resposta à pergunta. E num segundo nível, aplica-se um conceito de vida em que as coisas que se fazem num determinado momento são significativamente relacionadas com o que se faz antes ou depois – algo que as pessoas comumente chamam o “sentido da vida”.

Mas atendendo estritamente e conscientemente à tarefa, torna-se evidente que a primeira resposta é “mais provável”, porque de um ponto de vista racional e lógico, é sempre “mais provável” que uma coisa aconteça (Linda sendo uma bancária) do que duas coisas ao mesmo tempo (Linda sendo bancária e simultaneamente outra coisa qualquer). O resultado interessante deste exemplo é que as pessoas não se orientam, em primeira mão ou naturalmente, por operações lógicas. Pelo contrário, as pessoas envolvem-se em suposições como “histórias devem fazer sentido” ou “a vida faz sentido” – de modo que uma simples equação se transforma numa interacção complexa de significados.

Procurar que uma observação, percepções, histórias ou até mesmo a vida faça sentido é uma característica humana central. Relacionar conceitos e pressupostos para a percepção e observação é uma tarefa complexa em que as pessoas se envolvem de forma permanente – seguindo as preferências adquiridas através da educação e da aprendizagem. Uma outra característica essencial neste processo é a maneira de ligar ou agrupar as coisas em conjunto, como no exemplo a seguir:

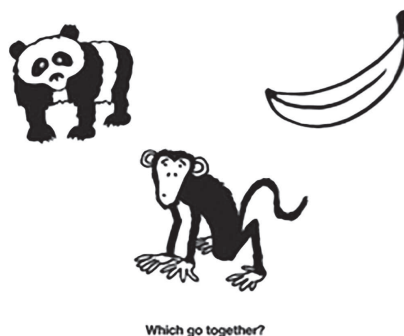
³ “Linda is thirty-one years old, single, outspoken, and very bright. She majored in philosophy. As a student she was deeply concerned with issues of discrimination and social justice and participated in antinuclear demonstrations.

Which of the following two alternatives is more probable?

Linda is a bank teller.

Linda is a bank teller and active in the feminist movement.” (Gigerenzer 2007: 93)

Fig. 4. (Shaules 2015)



Há duas maneiras de “agrupamento” desses elementos e de procurar que as imagens façam sentido. Uma primeira resposta seria: o panda e o macaco formam um par, porque ambos são animais. E a segunda resposta poderia ser que o macaco e a banana pertencem juntos, porque o macaco come bananas. No primeiro caso, a relação é construída segundo um princípio de categorias (a classe de animais). No segundo exemplo enfatiza-se a relação entre os próprios objectos. Algumas pessoas tendem a pensar primeiro em termos de categorias, outras podem preferir tratar o vínculo relacional. Então, as pessoas desenvolvem “culturas de parentesco” diferentes que sustentam a maneira como procuram dar sentido à experiência.

Tais diferenças podem ser interpretadas como a principal distinção entre o que é chamado uma forma de pensamento holístico e contextual e uma forma mais categórica e focada nos objectos, diferenças muitas vezes identificadas como as preferências para dar sentido ao mundo: asiáticas ou orientais, por um lado, e ocidentais, por outro. Pode não ser necessário defender tal persistência de uma “geografia do pensamento” (como lhe chamou Nisbett, 2003), principalmente quando se considera em que medida os modos de vida orientais e ocidentais flutuam na sociedade contemporânea. No entanto, essas abordagens diferentes para a compreensão das coisas e das suas relações ilustram tanto a necessidade de procurar um sentido das coisas e do mundo como a multiplicidade de formas de o fazer.

A Cultura pode realmente ser a instância em que tais rotinas e abordagens múltiplas são desenvolvidas, cultivadas e partilhadas. Através da educação e da aprendizagem, a cultura desempenha um papel central no desenvolvimento de conceitos, pressupostos e preferências relevantes. Neste sentido, e como Bradd Shore sugeriu, a cultura é “concebida da melhor maneira como um conjunto muito grande e heterogénico de modelos ou o que os psicólogos chamam, por vezes, de esquemas.”⁴ Como

⁴ “best conceived as a very large and heterogeneous collection of models or what psychologists sometimes call schemes.” (Shore, 1998: 834).

Shore explica, a “noção de modelo fornece uma ponte entre o conceito empírico da cultura como ‘objectos’ e o conceito cognitivo da cultura como formas de conhecimento (ou, mais pretensiosamente, como representações mentais).”⁵ Além disso, a “ideia de modelos culturais é uma alternativa útil à dissolução do conceito de cultura em noções totalmente vagas de poder ou discurso.”⁶

Neste sentido, Shore apresentou uma extensa lista de modelos, cuja elaboração pode variar de cultura para cultura. Tal lista deveria incluir modelos linguísticos (*scripts*, modelos lexicais, modelos gramaticais, ou fórmulas verbais), bem como modelos não linguísticos (esquemas de imagem, modelos de emoção, conjuntos de acção; modelos gestuais, modelos olfactivos, modelos de som ou de imagem). Além disso, tais modelos culturais podem ser distinguidos pela sua função como em modelos de orientação (modelos espaciais, modelos temporais, modelos de orientação social, modelos de diagnóstico ou modelos divinatórios), bem como em modelos expressivos / conceituais (modelos classificatórios, modelos lúdicos, teorias, teorias populares ou modelos de tarefas). Os modelos culturais encontram-se na mente e ao mesmo tempo são partilhados através do ensino e da aprendizagem.

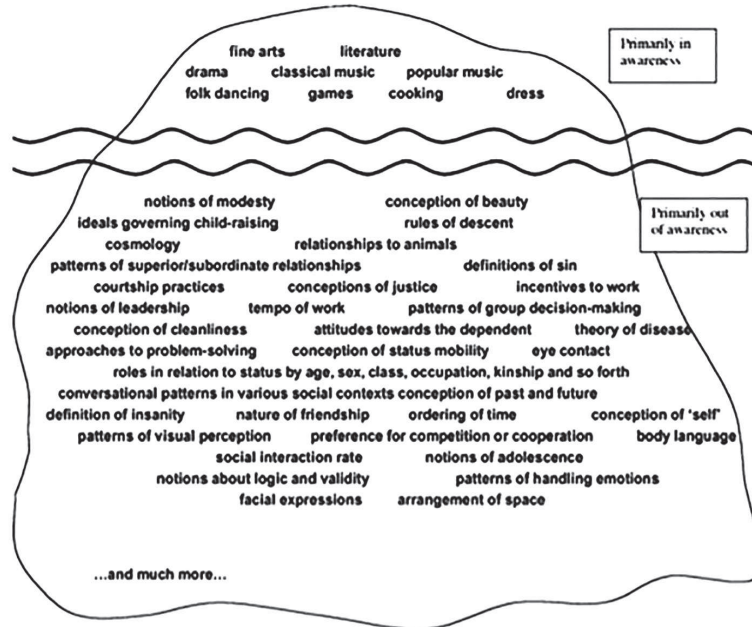
Desafios da comunicação intercultural

Falando sobre a cultura como um “conjunto muito grande e heterogéneo de modelos”, isto é, simultaneamente uma realidade material, uma prática social e uma disposição mental, permite uma melhor compreensão dos desafios na comunicação intercultural. Cultura não é apenas a parte visível e tangível da arte, da literatura, da culinária ou do vestir, o que se tende a identificar como cultura em primeiro lugar. ‘Por baixo’ dessas manifestações superficiais das culturas encontram-se as suas raízes profundas em conceitos, pressupostos e preferências apoiados por uma variedade de modelos culturais partilhados, diferentes de cultura para cultura como arte, literatura, cozinhar ou vestir. A imagem do chamado *iceberg* cultural mostra intuitivamente o que Joseph Shaules (2007) chamou de “deep culture” (cultura profunda) e que identificou como “desafios escondidos da globalização”.

⁵ “notion of model provides a bridge between the empiricist concept of culture as ‘objects’ and the cognitive concept of culture as forms of knowledge (or, more pretentiously, as mental representations).” (Shore, 1998: 845).

⁶ “idea of cultural models is a useful alternative to dissolving the concept of culture altogether into vague notions of power or discourse.” (Shore, 1998: 853).

Fig. 5. (Shaules 2007)



Como os modelos de cultura moldam e formam o pensamento e o comportamento de forma tão profunda e abrangente, os encontros interculturais são sempre momentos de um desafio especial para a dinâmica entre uma tendência para a resiliência e a estabilidade, por um lado, e a capacidade de mudança pela aprendizagem e pela plasticidade dos nossos modelos culturais e cognitivas, por outro lado.

Fig. 6



Joseph Shaules (2014) descreveu a experiência de encontros interculturais, referindo-se ao famoso filme de Victor Fleming *The Wizard of Oz*, em que Judy Garland interpreta o papel da menina chamada Dorothy Gale do Kansas que se vê de repente e para sua grande surpresa projetada para a maravilhosa terra mágica de Oz. Desenvolvendo a sugestão de Shaules um pouco mais, identificam-se cinco momentos diferentes que marcam os desafios cognitivos de uma experiência intercultural.

O primeiro momento pode ser ilustrado pela famosa canção “Over the rainbow”, em que Dorothy desenvolve os seus sonhos e as suas expectativas de um mundo diferente, onde “as nuvens ficam muito atrás” dela e os “problemas derretem como rebuçados de limão”.⁷ Os encontros interculturais são sempre construídos sobre experiências anteriores (como “nuvens” e “problemas”) e definidos por certas expectativas – sejam boas ou más. Este primeiro momento poderia ser chamado de “Ex-moment” de uma experiência intercultural.

Um segundo momento poderia ser chamado o “Transit-moment” em que se faz a transição de uma cultura para a outra. Estas transições aparecem muitas vezes na forma de uma viagem ou como uma mudança espacial, muitas vezes alimentadas por tecnologia ou outros meios de extensão. O impacto do “Transit-moment” é, muitas vezes, subestimado, embora seja a condição imediata da própria experiência intercultural. Indo para uma longa viagem de navio, uma caminhada cansativa a pé, um curto voo ou com várias escalas: tudo isso vai definir o momento em que, pela primeira vez, se experimenta a outra cultura. No filme de Fleming este é o momento em que Dorothy sai da sua cama e abre ‘a porta para Oz’, enquanto a imagem do filme muda de preto e branco para cores.

O terceiro momento é o *Oz-moment* em si, como o chama Joseph Shaules. É o momento, em que Dorothy, de repente, percebe como as coisas são diferentes e estranhas nesta terra mágica. É o momento em que Dorothy aborda o seu cão para concluir: “Toto, eu tenho a impressão de que já não estamos no Kansas.”⁸

Tendo em conta o que foi dito antes sobre a relação entre cultura e cognição, Dorothy – como qualquer outra pessoa num encontro intercultural – tenta dar sentido à experiência desta cultura diferente. Para o efeito, vai usar os seus modelos e conceitos, as suas preferências e premissas para fazer ‘uma história’ desta experiência. Na busca de dar sentido ao *Oz-moment*, Dorothy aplica a sua capacidade narrativa, como tínhamos visto antes na história de Linda, e vai tentar estabelecer uma relação construtiva de experiências difíceis, estranhas ou mesmo perturbadoras, sempre tentando entrar

⁷ “the clouds are far behind” her and “trouble melts like lemon drops”.

⁸ “Toto, I have a feeling, we’re not in Kansas anymore.”

em acordo com a dinâmica entre uma tendência para a estabilidade e uma capacidade (e necessidade) para a mudança.

O último momento de uma experiência intercultural poderia, então, ser um momento de reflexão no qual o indivíduo, para além de sua primeira reacção no *Oz-Moment*, se envolve num processo crítico de ponderar a experiência e torná-la parte de um argumento racional. Neste momento, o indivíduo pode até mesmo desenvolver um ponto de vista crítico para com os seus próprios modelos, conceitos e premissas.

Da cultura à convivialidade

As observações descritas nas secções anteriores correspondem à noção de cultura como paradigma central da sociedade contemporânea. A relação íntima entre cultura e cognição e a dinâmica entre uma tendência para manter a estabilidade e uma capacidade para a mudança pode explicar muitos dos conflitos que caracterizam desafios políticos e sociais em todo o mundo. A resistência à mudança, por um lado, e o desenvolvimento sócio-funcional cada vez mais rápido, por outro lado, parecem ser elementos-chave para o nosso futuro global. Nenhuma destas tendências está errada. Ambas simplesmente correspondem à condição humana como dependendo de seus modelos culturais e de ser constantemente capaz de dar um passo adiante.

No entanto, a principal conclusão de uma tal reflexão não pode ser uma entrega derrotista a esta condição, mas um esforço de a reconhecer não como um motor de hostilidade, mas como um convite para um reconhecimento plural da diversidade cultural. Com base em, e estendendo os estudos por Wolfgang Welsch (1999), Paul Gilroy (2004) e Roberto Carneiro (2006, 2011), poder-se-ão definir cinco etapas neste processo:

O primeiro passo seria reconhecer a **relação entre cultura e cognição** e os seus benefícios na construção de conceitos e modelos que ajudem a dar conta de experiências novas e diferentes.

O segundo passo seria abordar a **multiculturalidade** como o reconhecimento de uma diversidade de culturas e a riqueza dos seus conceitos, modelos e expressões.

Sob o conceito de **interculturalidade** uma terceira etapa consistiria em olhar para a relação entre as culturas, e não apenas para a sua diversidade, encontrando no relacionamento novas oportunidades.

No termo da **transculturalidade** a quarta etapa reconhece a abertura, a auto-insuficiência e a dinâmica entre as culturas e a sua interdependência mútua que leva à

Convivialidade como uma etapa final para garantir que as culturas possam viver juntas em reconhecimento plural.

Do ponto de vista do indivíduo, a cultura é uma questão de identidade, a cultura está em torno do ‘eu’. A Multiculturalidade é sobre os outros, sobre ‘eles’, a interculturalidade sobre ‘vós’. E a transculturalidade e convivialidade, finalmente, sobre “nós”.

A caricatura de Paul Noth (<http://www.newyorker.com/cartoons/a18662>) ilustra estas conclusões:

Fig. 7



“Não pode haver paz até que renunciarem ao seu Deus Coelho e aceitar o nosso Deus Pato.”

Bibliography

- BRANDT, Per Aage. 2011. “What is culture? – A grounding question for cognitive semiotics”. In: *Cognition and culture. An interdisciplinary dialogue*, ed. Ana Margarida Abrantes & Peter Hanenberg. Frankfurt am Main [etc.]: Peter Lang. 49-70.
- CARNEIRO, Roberto. 2006. “Hibridação e aventura humana”. In: *Comunicação & Cultura* 1, 37-55.
- CARNEIRO, Roberto. 2011. “A educação intercultural”. In: *Povos e Culturas* 13, 129-188.
- CHIAO, Joan Y./Genna M. Bebko. 2011. “Cultural Neuroscience of Social Cognition.” In: Shihui Han/Ernst Pöppel (eds.). *Culture and Neural Frames of Cognition and Communication*. Heidelberg/Berlin: Springer. 19-40.
- CHIAO, Joan Y. et al. 2013. “Cultural Neuroscience: Progress and Promise.” In: *Psychological Inquiry* 24: 1-19.
- GIGERENZER, Gerd. 2007. *Gut Feelings. The Intelligence of the Unconscious*. London: Viking.
- GILROY, Paul. 2004. *After Empire. Melancholia or Convivial Culture?* New York: Routledge.

- HANENBERG, Peter. 2014. "Cultura e cognição: como o estudo da cultura pode contribuir para as ciências cognitivas", in: *Revista Povos e Culturas*, 18: 25-38.
- NISBETT, Richard E. 2003. *The Geography of Thought. How Asians and Westerners Think Differently... and Why*. New York etc.: Free Press.
- POSNER, Roland. 1991. "Kultur als Zeichensystem: Zur semiotischen Explikation kulturwissenschaftlicher Grundbegriffe." In: Aleida Assmann/Dietrich Harth (eds.). *Kultur als Lebenswelt und Monument*. Frankfurt am Main: Fischer. 37-74.
- POSNER, Roland. 2004. "Basic Tasks of Cultural Semiotics." In: Gloria Withalm/Josef Wallmannsberger (eds.). *Signs of Power – Power of Signs: Essays in Honor of Jeff Bernard*. Vienna: INST. 56-89.
- SHAULES, Joseph. 2007. *Deep Culture. The Hidden Challenges of Global Living*. Clevedon, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters.
- SHAULES, Joseph. 2015. *The Intercultural Mind: Connecting Culture, Cognition, and Global Living*. Boston: Intercultural Press.
- SHORE, Bradd. 1998. *Culture in Mind: Cognition, Culture, and the Problem of Meaning*. Oxford: Oxford University Press. (Kindle edition).
- TOURAINE, Alain. 2007. *A new paradigm for understanding today's world*. Cambridge, UK: Polity.
- WELSCH, Wolfgang. 1999. "Transculturality – the Puzzling Form of Cultures Today". In: *Spaces of Culture: City, Nation, World*, ed. Mike Featherstone and Scott Lash. London: Sage. 194-213.
- WEXLER, Bruce E. 2006. *Brain and Culture: Neurobiology, Ideology, and Social Change*. Cambridge: MIT Press (Kindle edition).
- WEXLER, Bruce E. 2011. "Neuroplasticity: Biological Evolution's Contribution to Cultural Evolution." In: Shihui Han/Ernst Pöppel (eds.). *Culture and Neural Frames of Cognition and Communication*. Heidelberg/Berlin: Springer. 1-18.